RASH SÃO PAULO

Quebrando o Silêncio

SKINHEADS ANARQUISTAS E COMUNISTAS – SEÇÃO SÃO PAULO

Boletim Informativo da RASH-SP - Ano III nº 02 – Março / Abril de 2009

e-mail: contatorashsp@yahoo.com.br
Caixa Postal 11763
05049-970 – São Paulo/SP

EDITORIAL

Podemos observar atualmente um numero crescente de pessoas dentro da cena se colocando como antifascistas, repudiando a escoria nacionalista e nazista que, infelizmente, inda insistem em circular pelas ruas. Apesar deste ser um grande passo, o antifascismo por si só não basta, na realidade se este não for acompanhado por uma consciência anticapitalista chega até mesmo a se tornar estéril.

Como a história do século XX nos mostrou, o fascismo é o último recurso da burguesia, seu ultimo suspiro, na tentativa de salvar-se quando sua falsa democracia está preste a ruir bem debaixo de seus pés. O capital necessita do fascismo, seja no controle das classes exploradas, seja como salvaguarda de seu sistema contraditório movido a crises.

Em 1936 a Espanha foi palco da que talvez seja a maior luta antifascista que já ocorreu, de um lado a burguesia conservadora juntamente com os militares e a igreja, do outro, anarquistas, comunistas e setores da burguesia liberal. Enquanto a luta desenrolava nas trincheiras, ocorriam ao mesmo tempo, a coletivização das terras e dos meios de produção, unindo o antifascismo com a luta contra o capital. Isto obviamente desagradou os setores da burguesia que estavam do lado antifascista, que com a ajuda de setores comunistas ligados a URSS e Stálin, solapou as iniciativas revolucionárias que estavam ocorrendo. O resultado foi à ascensão do fascismo na Espanha.

Este exemplo, colocado de forma bem resumida, serve para mostrar como a luta antifascista desligada da luta de classes é como dar murro em ponta de faca. Ser antifascista é mais do que o combate a "WP´s" e nacionalistas, indo somente por este lado corremos o risco da cair no ganguismo (mesma forma que esses grupos agem), desligando-se assim da questão de classe, que é muito maior que a questão da cultura que se reivindica, seja ela skin, punk, rastafari, hip-hop ou o que for. Acima de qualquer coisa fazemos parte da classe trabalhadora, a classe explorada. Não podemos então reivindicar (compactuar) qualquer forma de apoliticismo, mesmo se este receber a "tintura" de antifascista, uma vez que esta postura só interessa aos exploradores.

Presenciamos atualmente uma das maiores crises da história do capitalismo, existem previsões de que ela dure mais três anos ainda, e mesmo com a injeção de bilhões de dólares para salvar empresas e bancos nada se resolve, e quem tem pagado a conta são os trabalhadores. Mesmo que essa crise não seja nossa (assunto já discutido no boletim anterior), somos nós que estamos pagando, com as demissões em massas que estão ocorrendo no mundo todo. Que isso tem a ver com antifascismo? São nessas horas de crise que a direita com seu oportunismo barato costuma se fortalecer, por isso é urgente para os antifascistas organizar-se, formar-se teoricamente e assumir uma postura de combate, para que dessa vez seja a burguesia que pague o preço da crise que ela mesma gerou, não os trabalhadores. Como já dito, assumir-se antifascista é um grande passo, mas só isso não basta e não bastará.

Por Gil.

“CANTEN PUTOS...!”

Futebol, Alegrias e Ações Anti-RACISTAS

Hoje em dia estão surgindo muitas torcidas envolvendo-se com as subculturas skinheads e punks, e como na vida das subculturas, nas torcidas também há a divisão clara das idéias.

As torcidas intituladas Ultras, tem um jeito diferente de torcer, cantos e músicas diferentes das torcidas tradicionais dos seus times, **muitos** (o que não quer dizer que sejam todos) de seus cantos se envolvem com política, os mais conhecidos são a torcida do *Livorno* da Itália, do *St. Pauli* da Alemanha, *Rayo Vallecano* da Espanha e no Brasil temos o Ferroviário do Ceará, que são times que se posicionam a esquerda dos movimentos skinheads, punks, antifascista e levam esses ideais em suas músicas aos estádios.

Também há as torcidas de extrema direita como a *Irreducible* do Lazio que tem claros “véis” com o Fascismo e o Nazismo, a Ultras Sur do Real Madrid na Espanha com os mesmos “véis”.

Tem se tornado tão constante o envolvimento de subculturas e futebol, quanto à política tem entrado no mesmo papel, hoje em dia está chegando ao Brasil a questão de torcidas Ultras, e sua forma de torcer e vibrar pelo seu time, com essa chegada, também vem o embargo político que é usado lá fora.

No começo do ano, em janeiro na Rússia, torcedores anti-racistas militantes do coletivo RASH Moscou.

Segundo os relatos, as torcidas *Hooligans* de Direita da Rússia haviam aparecido na mídia, que de certa forma não demonstrou fortemente as noticias, então eles foram fazer um protesto contra o racismo. Na vitória do time bielo-russo F.C. Minsk por 4 x 0.

Exemplos como da RASH Moscou vem se expandindo pelo mundo há fora e a razão disto é a força que tem a esquerda e os torcedores realmente anti-racistas e antifascistas, que vem se mobilizando.

Como dizem os torcedores do Ferroviário do Ceara: ***"Nem guerra entre torcidas! Nem paz entre as classes!"***

Por Chuckie.

MÚSICA

Extra Stout: Ska Extra Forte, Encorpado e 100% Malte!

Neste ano de 2009 teremos muitas coisas boas na cena de SKA brasileira, onde grupos / cantores de grande importância na cena estarão se apresentando no Brasil, porém nesse momento vamos falar sobre uma banda paulistana que tem feito muitos shows em São Paulo/SP, Extra Stout. Banda que particularmente é muito querida pelo coletivo, onde sempre que podemos estamos presentes nos sons para prestigiá-los. Conversamos com a banda e o resumo dessa conversa segue abaixo:

1) Quando iniciou a banda e como/quem surgiu/teve a idéia de formação?

Rafael “Professor”: As primeiras conversas sobre a criação da banda rolaram do meio pro fim de 2006. Participamos delas Caio “Fortão” e Axl “Rude” (ex-vocalistas do Skamoondongos), Thiago “Tchaka” e eu. Na verdade, eu e o Tchaka tentávamos começar uma banda de soul. Eu me aventurava nos vocais e, sendo sincero, isso não estava funcionando. Então, decidimos que eu voltaria pra bateria, o Tchaka continuaria na guitarra e chamaríamos o Axl pros vocais. Ao mesmo tempo, o Caio sugeriu que a gente começasse uma banda de ska. Éramos (e somos) todos amigos, estávamos sempre nos esbarrando aqui e ali. Foi natural que as duas iniciativas confluíssem e tudo virasse esse bem bolado que é o Extra Stout. Aí saímos atrás dos outros instrumentistas.

2) Hoje a banda conta 8 (oito) integrantes, é fácil reunir todos para ensaiar, sons, etc.? Todos já se conheciam? Como foi a "captação” / “recrutamento” de todo esse pessoal? Percebemos que a qualidade do som está muito melhor.

Rafael "Professor": Cara, eu já vi bandas com 3 ou 4 integrantes com mais dificuldades pra se reunir do que a gente. Somos em 8, mas essa formação é bastante consciente e, regra geral, não dá brecha com horários. Todo mundo facilita na hora de marcar ensaio, todo mundo chega na hora qualquer que seja o compromisso. E ninguém faz isso como se fosse obrigação, saca? O clima é o de uma reunião de amigos. Levamos os ensaios a sério, mas sabemos descontrair e nos divertir também.

Sobre as formações, tivemos duas. A primeira começou com Caio, Axl, Tchaka e eu. O Caio chamou pro baixo o André "Fumaça", que havia sido aluno dele num curso de inglês. Eu chamei a Paula "Faísca" pros teclados através da Fernanda Terra, do *Final Fight*, baterista e amiga em comum. Essa formação não estava funcionando bem, devido a desencontros musicais. Uns queriam algo mais tradicional e lento. Outros algo mais rápido, puxado pro 2Tone. Essa primeira formação acabou ficando com uma cara mais 2Tone mesmo e a maior parte do "núcleo fundador" da banda estava descontente. A formação se desfez. Sobramos eu, o Caio e o Axl. Um baterista e dois vocalistas. Tivemos que reformular a banda toda. Começamos chamando os amigos, mesmo que não tivessem experiência com ska. Chamamos o Dida pro baixo, que sempre estava bebendo com a gente em algum lugar e havia sido baixista daquela "proto-banda" de soul que tentei começar com o Tchaka. Depois, pras guitarras, o Giovano e o Marcos "Cabeça". Um a gente conhecia da banda punk Grevisionários e o outro do Agrotóxico. O Marcos conhecia a Vitória "Binx" (trombone) e o Giovano arrastou o Raphael "Doddy" (sax). Esse time se entrosou perfeitamente, tanto do ponto de vista musical quanto pessoal. Acho que nosso "recrutamento" se baseia nisso: amizade, bom humor, bom senso e responsabilidade. Se tiver técnica, ajuda. Mas o fundamental não é isso. Estamos todos começando e se houver uma base interpessoal consolidada, podemos crescer juntos. Não saberia tocar em uma banda onde as pessoas não fossem verdadeiramente amigas.

3) O Extra Stout não se limita em tocar SKA apenas, 2Tone, mas também rola uma pegada funk e soul, que lembra o Aggrolites (que esse ano estará no Brasil), é isso mesmo? O pessoal que vão aos shows da banda tem gostado?

Rafael "Professor": Hoje, tocamos ska. O 2Tone às vezes aparece sob a forma da empolgação no palco, mas musicalmente, tocamos ska mais tradicional. Ainda estamos longe do Aggrolites, mas existe sim uma pegada consciente de *funk* e soul. São estilos que gostamos bastante e, como não somos totalmente puristas, essas coisas acabam aparecendo no som. E tem o lance da molecagem, de tocar um *funk* para um público que, até pouco tempo, só ouvia ska, punk, hardcore, Oi! etc. Lembro a cara das pessoas quando tocamos *Kung Fu Fighting* a primeira vez e quando tocamos *Play That Funky Music* agora. É engraçado. E o pessoal tem gostado bastante. Claro que sempre tem punheta que acha estamos profanando algo. Mas no fim, eles são só punhetas mesmo.

Caio "Fortão": Pessoalmente, sinto muito prazer em trazer essas pequenas misturas, brincadeiras e influências nas nossas músicas. Vêm-me à cabeça discussões que tive com alguns cabeças-ocas que pregavam a pureza do ska, tanto musicalmente como com o público dos shows, que se gabavam de ser violentos com o pessoal do ska-core. Há uma enorme hipocrisia em defender a pureza de um estilo sonoro que nasceu da mistura.

Marcos: A verdade é que a mescla de outros estilos dentro do Ska faz a

banda ganhar uma personalidade diferente, criar um estilo próprio, acho que esse é caminho. É claro que o Ska é o estilo que o Extra Stout segue, mas não há porque se limitar.

4) De forma rápida, como você avaliaria a cena de ska em São Paulo hoje.

Rafael "Professor": Eu vejo que a cena de ska em São Paulo tem se fortalecido. Existem muitos sinais claros disso. Bandas aparecendo e preocupadas em tocar bem, como o Pingüins Tropicais, Roto Roots, King Hassan Orchestra, Maleducados e outras. A Radiola Records continua trazendo bandas importantes e significativas de fora, além de organizar shows com bandas nacionais e outras iniciativas. Temos vários "*sound systems*" fazendo suas festas, como o *You & Me on a Jamboree*, o *Jurassic* e outros. Os poucos carecas que apareciam nos shows e festas de ska praticamente sumiram e, na outra mão, muita gente sem conexão com grupos ou movimentos equivocados tem aparecido, com grande paixão pelo ska e cabeça aberta, como vocês do RASH/SP, por exemplo. Temos visto muitas pessoas "normais", de diversas procedências, indo aos shows de ska e isso é muito bom. Claro que sempre bate aquele incômodo quando o pessoal "de fora", mais "genérico": será que esse povo curte mesmo ou é moda apenas? Será que eles têm pela coisa o mesmo carinho e respeito que eu tenho? Ou é só tipinho? No fundo, isso não importa. Quem entra por moda sai rapidinho, e nisso vai ficando gente legal no meio. É um longo processo de peneira, de garimpo. Mas a tendência é a coisa crescer e se fortalecer de maneira musical e ideologicamente saudável, ou seja, música de qualidade para um público com cultura musical (não falo de escolaridade musical) e contra preconceitos de qualquer tipo.

Agora é tirar a bunda do sofá e sair pra dançar SKA!

Contatos:
rafaprof@hotmail.com
www.fotolog.com/extrastout
www.myspace.com/extrastoutska
www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=37834559

Texto e Entrevista por Chaos Total

8 DE MARÇO
DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No domingo mulheres marcharam no 08 de Março, aparentemente com o mesmo eixo: fazer críticas à crise capitalista que afeta diversos países neste momento. Porém houveram dois atos divididos este ano, um da Marcha Mundial de Mulheres (MMM) e outro onde se concentrava o bloco "Pão e Rosas" no ato da Conlutas.

Enquanto o MMM repetia um discurso de que os trabalhadores e trabalhadoras "não iriam pagar pela crise", o Pão e Rosas e Conlutas exigiam que os CAPITALISTAS paguem pela crise, obviamente num ato que deve ser de luta e classista.

Para o ato deste ano do Pão e Rosas não houve comemorações já que tantas demissões em massa somente poderiam atingir a classe operária. Demissões estas que ocorreram na injeção de bilhões para salvar os capitalistas da crise que eles mesmos causaram. Além disso, a contínua violência e a opressão sobre a mulher trabalhadora, o povo pobre e a juventude, também foram motivos para não comemorar o dia 08.

Já a MMM manteve o discurso demagógico, pois o chamado ao ato governista é assinado justamente pelos que neste momento fazem acordos por "melhores demissões", como a Força Sindical e a CUT. Além disso, Lula continua dando suporte financeiro a bancos e indústrias com dinheiro público, enquanto se calou diante das 4.200 demissões na Embraer. Isso mostra que a direção da Marcha Mundial das Mulheres não pode estar atrelada à política dos ricos e uma política conseqüente para as mulheres.

Não iremos perder o foco do nosso texto com isso, porém uma situação inesperada se deu durante a manifestação, quando um grupo de direita compareceu no ato, para

aparentemente provocar os blocos presentes na marcha da Avenida Paulista. Eles estavam aproximadamente entre 9 e 10 indivíduos, segurando uma faixa que pedia a extradição do italiano *Cesare Batistti*. Enquanto a manifestação caminhava, eles continuavam em frente ao MASP, deslocados, sem serem notados, já que eram umas minorias despercebidas. O grupo que lá estava deveria ser o mesmo grupo que espalhou cartazes em algumas ruas de São Paulo pedindo a extradição de *Cesare Batistti*, assinando como União Democrática Nacionalista, que parece até piada, já que nesses panfletos, os escrotos chegavam até a pedir liberdade de expressão... Sim, *pasmen*! Parece uma piada, onde alguém que se diz de extrema direita pode pedir liberdade de expressão? Na ditadura, fariam o mesmo? Mas enfim os manifestos são nossos e não toleraremos mais a presença dessa corja em tal situação.

Situações como estas devem servir de alerta para nós, antifascistas, que temos o dever de combater qualquer ação preconceituosa ou imponente dos fascistas. Não podemos deixar que suas ações se tornem cada vez mais expressivas e devemos mostrar a eles que não são bem-vindos. **Já aproveitando, convidamos a todos para participarem de um grande ato unificado no 1° de Maio a favor dos trabalhadores!**

Nota: Dentro do coletivo existem posições divergentes sobre alguns aspectos abordados no texto, achamos melhor então publicar as 2 posições, possibilitando assim o debate. Acreditamos que caracterizar o ato de 8 de março encabeçado pela MMM simplesmente de governista (100%), é um erro, uma vez que participaram da construção do ato, setores combativos, classistas e não governista, como por exemplo a Intersindical. Além disso, concordamos e sabemos que hoje a direção da MMM é encabeçada por uma corrente do PT, no entanto a maioria das pessoas que vai aos seus atos não. Sendo assim, o sectarismo da Conlutas é um erro, onde se deixa de fazer a disputa política na base, para ficar falando para si próprio. É fácil para a Conlutas em momentos como esse reivindicar o papel de "a mais combativa" e deixar de lado que esta mesma central sindical apóia greve de policia e quando oportuno faz sim atos conjuntos com a CUT. Não pretendemos com esta nota defender a MMM ou atacar deliberadamente a Conlutas já que a questão partidária dentro do boletim não é levantada geralmente (mesmo que no coletivo temos membros que militam em outros coletivos políticos, sindicatos, etc.), mas sim mostrar que nem tudo é tão simples como parece.

Por Talita

RASH PELO MUNDO

PONTOS DE UNIDADE DA RASH INTERNACIONAL

Estes são os pontos da unidade de RASH - Internacional, todas as seções afiliadas devem aceitar estes pontos:

1. Ausência de sectarismo, anima-se às/aos membros do RASH para participarem nas organizações de esquerda ou radicais que desejarem, sempre que não forem sectárias e estiverem dispostas para trabalhar com outros grupos. Todas as tendências da esquerda revolucionária serão aceitas.

2. Socialismo revolucionário, queremos transformar a sociedade burguesa atual numa sociedade que assegure aos trabalhadores o produto do seu labor, a sua liberdade, independência e igualdade social e política. O capitalismo deve ser derrubado pela ação maciça da classe operária.

3. Poder operário, a libertação só será conquistada através da luta dos próprios trabalhadores pelo controle dos meios produtores da riqueza, organizada independentemente das outras classes sociais.

4. Antifascismo, sabemos que os fascistas são as tropas de choque que o capitalismo utiliza para defender os seus interesses quando a democracia burguesa está impossibilitada de os proteger, o fascismo usa como armas a xenofobia, o racismo, o machismo e a homofobia.

5. Antiviolência policial, como militantes lutamos contra a brutalidade policial nas manifestações e contra a população nas ruas.

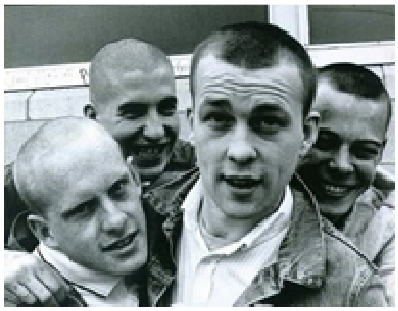
6. Contra o racismo, a homofobia e o machismo, acreditamos que todos os seres humanos são iguais, e como tais, dividir-nos com fronteiras e classificações artificiais como "raça", sexualidade e gênero é um engano. Lutamos contra todas as formas de opressão particular.

7. Anti-imperialismo, a opressão de uma nação por outra faz parte do sistema da exploração capitalista. Nós somos pela independência das nações oprimidas.

TRILHA SONORA
ALGUMAS BANDAS INGLESAS

SKIN DEEP: More Than Skin Deep

A *Skin Deep* foi formada nos anos 80 em *Yorkshire*, começou tocando Oi! sendo uma das bandas participantes da coletânea Oi! *The Ressurection*, mas com o passar do tempo a *Skin Deep* começou a incorporar elementos de ska e *soul* em sua sonoridade, até que, ao terminar de seus despojos surgiu uma das bandas que ajudou a revigorar o ska britânico a.



Mas além de ter dado sua contribuição musical para a cena skin inglesa na segunda metade dos anos 80, os rapazes da *Skin Deep* eram abertamente anti-racistas e antifascistas, justamente numa época em que a escória nazi era destaque na imprensa sensacionalista.

THE BURIAL: A Day on The Town

A banda *The Burial* era de *Norton*, norte de *Yorkshire*. Em 1981 e seguiu um caminho muito semelhante ao da *Skin Deep*, chegou a participar com duas faixas nas coletâneas *The Oi! of Sex*, *Oi! Glorious Oi!* e *The Sound of Oi!*. Musicalmente a banda se aproximou muita da sonoridade de outra banda os *Redskins*, chegando a participar de várias gigs com essa banda, também participou do projeto *The Britanarchists* com *Nick Toczek*, além de ter dividido o palco com outras bandas como *The Business*, *Uk Subs* e *The Damned.*

Politicamente eram declaradamente de esquerda, tendo participado de atividades em apoio às greves dos mineiros e sendo intervistados pela *Red Action.* Para os interessados no som dessas bandas é possível encontrar os dois Lp's (um de cada banda) em um único Cd.

HARDSKIN

Oriunda de *Millwall*, leste de Londres, a banda *Hardskin* surgiu nos anos 90 em um momento em que o cenário do Oi! inglês vivia mais do saudosismo do que de boas novidades, o som dessa banda de torcedores do *MIllwall* é curiosamente muito influenciado pelo som dos *Cockney Rejects*, torcedores do rival West Ham, as letras são bem humoradas, abordam temas políticos e sociais mas não só. A banda tem a seguinte discografia disponível: *Hard Nuts and Hard Cunts / Same Meat Different Gravy / Live and Loud*

Por Carlos Fabbri

CLASSE TRABALHADORA

FORMAÇÃO DOS SINDICATOS NO BRASIL
1ª Parte

Este texto é o primeiro de uma série de textos que iremos publicar em nosso boletim, com a temática da formação dos sindicatos no Brasil, e consequentemente da formação do movimento sindical brasileiro. Por ser um assunto bem vasto e longo, iremos publicar em partes.

Agora, o porquê da escolha desta temática para publicação. Todos sabem das origens do movimento Skinhead, oriundos da classe operária inglesa, e desde então caminhando lado a lado, pois somos filhos da classe operária, e somos da classe operária. Apesar de muitos Skinheads se reivindicarem apolíticos, a classe operária nunca diz ser apolítica, pois na sua luta por sobrevivência tem de lutar contra seus

algozes e quem os são, se não a burguesia, que esta na luta por lucro e pela manutenção do atual sistema, e o operariado na luta por seus direitos, portanto não a meio termo neste campo, e o trabalhador sabe muito bem qual é o seu lado, e nós do coletivo RASH São Paulo/SP, sabemos muito bem qual é o nosso.

Surgimento das Primeiras Lutas

O Brasil foi colônia de Portugal como todos sabem, com isso éramos um país agrário, enquanto paises da Europa estavam dando o pontapé da industrialização como a Inglaterra num primeiro plano, seguida logo após por outros paises europeus mais os EUA, assim começando a formar uma classe operária incipiente, e ao mesmo tempo buscando se organizar na luta por seus direitos, com isso começa-se a surgir as primeiras organizações dos trabalhadores, como a Associação Internacional dos Trabalhadores, a I Internacional, como ficou mais conhecida, sobretudo pelo conflito de titãs entre Marx e *Bakunin*, na luta pelos rumos da mesma.

Mas, o movimento sindical brasileiro começa a ter forma com a chegada de operários estrangeiros como os italianos, os espanhóis e outros tantos que para cá vieram, e contribuíram na construção deste país. Em fins do século XIX inicia-se um lento processo de industrialização no Brasil, que ira se configurar e se aprimorar a partir da segunda metade do sáculo XX. Com o inicio da industrialização, inicia-se concomitantemente a formação da incipiente classe operária brasileira, e com ela a suas lutas por direitos. Onde se hoje imagina ser duro a jornada de trabalho e recebemos pouco, imaginem, lá traz, trabalhando de segunda a segunda, sem férias, descanso, jornadas desumanas podendo chegar a 15 horas de trabalho ao dia, com mulheres e crianças no mesmo meio e com os mesmos deveres, é a partir daí que se começa os esboço de um movimento sindical brasileiro.

No ano de 1906, na cidade do Rio de Janeiro ocorre o primeiro Congresso Operário Brasileiro, onde foi debatidas as dificuldades enfrentadas pela classe, e suas necessidades. Nesse congresso foi formada a primeira central sindical brasileira a COB (Confederação Operária Brasileira), de orientação anarco-sindicalista, corrente esta majoritária no movimento sindical brasileiro até meados de 1920.

A COB teve seus altos e baixos, mas conseguiu fazer um pouco do que se propôs, ou seja, a luta pelos direitos do operariado, mesmo com todas as dificuldades, enfrentamento com patrões e polícia, que na época não aliviavam em nada, e não só batiam como matavam os lideres do movimento, tendo na época uma lei que autorizava a expulsão de trabalhadores estrangeiros, ou seja, expulsavam os que não concordavam com o que estava acontecendo. Neste período ocorreram vários encontros/congressos regionais, como o de São Paulo, Rio Grande do Sul e outros. No ano de 1913, ocorre o segundo congresso operário brasileiro, onde se discute dentre vários temas o trabalho de organização, e a questão da guerra externa, visto a questão da I Guerra Mundial, onde afirmavam que o trabalhador não deve se envolver, e caso o Brasil se envolva na mesma, que o proletariado declare greve geral revolucionária, isto foi resolução de congresso.

Em 1917, ocorre no Brasil o feito mais belo da classe operaria em luta, a primeira e única greve geral brasileira, uma greve que começou nas industrias têxteis de São Paulo e logo se espalhando por outras categorias e para outros estados. Contendo uma vasta lista de exigências, mas a grande vitória foi o reconhecimento do movimento operário como instância legítima, obrigando os patrões a negociar com os proletários e a considerá-los em suas decisões. É o inico da ardúa luta pela sobrevivência do proletariado, que permanece até os dias de hoje.

RASH de todo o mundo lutemos! Trabalhadores de todo o mundo uni – vos!

Por Durruti Oi!

INFORMES

III Festival de Futebol Antifascista

Ocorreu no dia 21/03/09 o III Festival de Futebol Antifascista, organizado por alguns membros do coletivo RASH-SP. Após o futebol houve um churrasco de confraternização, com distribuição de zines, textos, vendas de camisetas e filmes.

A idéia do Festival foi justamente juntar a cena antifascista militante para uma maior interação.

No próximo boletim faremos uma resenha a respeito do festival.

Entre em contato no e-mail contatorashsp@yahoo.com.br e demonstre seu interesse em participar do próximo Festival.

Participe, uma cena antifascista unidade e combatente depende de você!

SONS

The Aggrolites: Está confirmado! No próximo mês, teremos a banda americana "The Aggrolites" no Brasil, com apresentações em Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, São Paulo/SP (2 apresentações) e Rio de Janeiro/RJ.

The Adicts: Ainda neste mês de março, nos dias 28 e 29 teremos no Brasil, pela primeira vez, a banda "The Adicts", lenda viva do punk rock mundial que nasceu no ano de 76 na Inglaterra. O melhor de tudo, com formação original e completa.

Pauline Black do "The Selecter": A mulher que esteve à frente da banda *Selecter* por tantos anos, fazendo o melhor do estilo 2 Tone, está no Brasil para uma série de Shows neste mês de março, para celebrar os 30 anos da 2 Tone Records. Pauline fez sucesso liderando o *Selecter* em uma época onde não haviam no topo das paradas de sucesso muitos grupos liderados por mulheres, muito menos bandas multirraciais, com presença quase majoritária de negros. Poucas bandas compostas basicamente por imigrantes haviam conseguido façanhas semelhantes a do Selecter. Eram tempos do *National Front* nas ruas da Inglaterra, e de uma era de grande recessão econômica, quando *Margaret Thatcher* ainda buscava reconstruir a economia inglesa. Em meio a esse turbilhão Pauline subia aos palcos com canções bem sacadas e atuais (como era costume entre os grupos da 2 Tone) e arrasava, como na letra de "*Everyday*" ("*...things are getting worse....times so hard...*"), que descrevia bem o momento vivido. Pauline se apresentará em Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ e Campinas/SP.

VENDA DE CAMISETAS

Estamos vendendo camisetas com o logo "Antifascista Siempre" estampado em *silkscreen* (serigrafia), **NÃO É** *transfer*. Faça seu pedido pelo e-mail do contato RASH-SP (contatorashsp@yahoo.com.br), temos nos tamanhos P, M, G e GG e também modelo feminino (*baby look*). Qualquer modelo sai por R$ 12,00 + custo do envio pelos Correios. Em breve teremos também moletons.